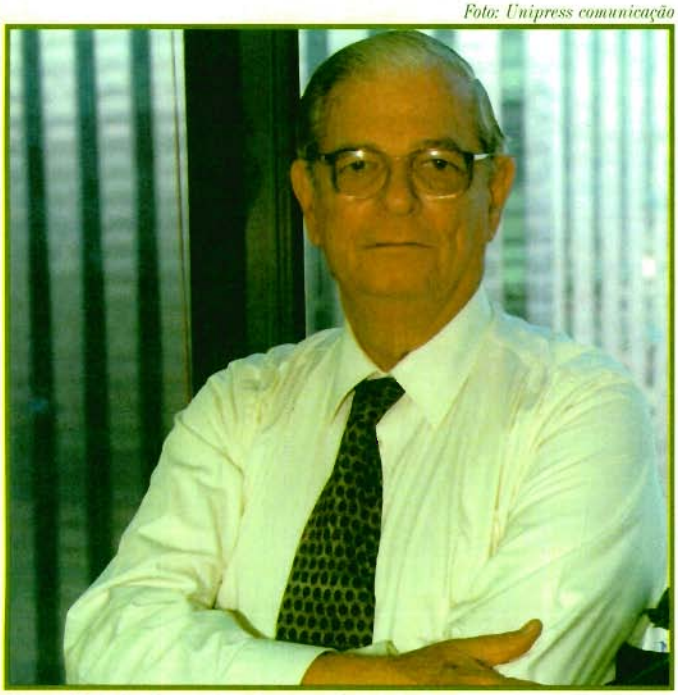
ABRE aspas:

Depois de enfrentar uma forte baixa de preços no mercado internacional, a indústria brasileira de papel e celulose deverá fechar o ano de 1999 com resultados satisfatórios, dentro dos padrões históricos de crescimento das vendas. Há otimismo no setor diante da retomada do crescimento econômico. Segundo Boris Tabakof, presidente da Associação Brasileira de Celulose e Papel e membro do conselho de administração da Compahia Suzano de Papel e Celulose, hoje não há empresa do setor que não tenha um projeto de expansão na gaveta. Para fazer a oferta acompanhar a demanda e evitar a importação de celulose, as oportunidades de investimento montam a US$10 bilhões. No momento, o setor estuda a engenharia financeira do negócio, que apresenta agora uma faceta nova, com a entrada da Aracruz e da Klabin no setor de móveis, graças às possibilidades oferecidas pela tecnologia de aproveitamento do eucalipto, totalmente brasileira.

Salvação pela tecnologia

NIVALDO MANZANO

Foto: Unipress comunicação



Boris Tabakof: resultados satisfatórios no setor

■ *De onde vem e para onde vai a indústria de papel e celulose?*
— O setor de papel e celulose no Brasil é relativamente novo. O que deu ao Brasil a oportunidade de se tornar um produtor importante foi o eucalipto. Foi a Companhia Suzano de Papel e Celulose que se lançou pioneiramente na utilização da celulose de eucalipto. Qualquer fibra produz celulose. Mas até então as madeiras de fibra curta não eram consideradas capazes de produzir uma celulose adequada à indústria. A fibra longa do pinheiro predominava secularmente. Isso fazia dos países do hemisfério Norte grandes produtores de papel e celulose.

■ *A que tecnologia recorreu para a utilização do eucalipto?*
— Trata-se de um desenvolvimento brasileiro. Ela surgiu da necessidade. Na época existia relativa disponibilidade de eucalipto em razão da substituição do carvão pelo diesel e pela eletricidade nas locomotivas, enquanto a indústria brasileira de papel, que era de pequeno porte, era inteiramente dependente da celulose importada do pinheiro. Em 1954, uma pequena equipe da Suzano começou, em caráter experimental, a utilizar a fibra do eucalipto apenas como parte da mistura na massa. O eucalipto apresentava dificuldades diversas. A dureza da fibra trazia problemas no processo de moagem e branqueamento, que foram resolvidos. A partir daí, em poucos anos se começou a produzir papel com 100% de celulose de eucalipto.

■ *Como foi a receptividade por parte do consumidor?*
— Foi necessário desenvolver o mercado. Na década de 70 tivemos que orientar os importadores na adaptação de suas máquinas de papel para a utilização da celulose de eucalipto. Deu trabalho, mas a aprovação foi unânime. Assim, a Champion por exemplo, que havia chegado ao Brasil com a idéia de produzir celulose a partir do bambu, aderiu ao eucalipto.

■ *Qual é a diferença em termos de qualidade?*
— Existem usos para os quais a celulose de eucalipto é comprovadamente melhor. É o caso dos papéis sanitários e dos papéis de impressão. Considerando-se a

mesma gramatura, uma folha de livro feita de papel de eucalipto é menos transparente que a de pinheiro, permitindo melhor impressão de ambos os lados.

■ *O Brasil ainda está na vanguarda dessa tecnologia?*

— Em se tratando de celulose e papel de eucalipto, sim. Nossas fábricas novas dispõem da melhor tecnologia existente. Além disso lideramos em qualidade e custo. O ciclo do eucalipto é muito rápido – seis anos – comparando-se com o do pinheiro, que chega a 60 anos. Estou dizendo com isso que a contribuição do setor para a pesquisa florestal foi de fundamental importância. A produtividade do eucalipto cresce ano a ano. Tão longe fomos na pesquisa genética e no manejo do eucalipto que atualmente há empresas do setor, como a Aracruz e a Kablin, se orientando também para a indústria moveleira, convertendo assim o eucalipto em madeira nobre. A produtividade da fibra, a disponibilidade de terras e as condições climáticas brasileiras farão do eucalipto uma fibra genérica para usos que ainda estão por vir.

■ *Existem concorrentes na produção de celulose de eucalipto?*

— Depois da iniciativa pioneira do Brasil, entraram os países ibéricos e o Chile. O caso do Sudeste asiático é uma história à parte. Embora os países asiáticos tenham plantado eucalipto, concorrentes em celulose, como a Indonésia, continuam utilizando matéria-prima de árvores nativas, destruindo as florestas. Em nosso caso, ao contrário, não há uma única árvore a entrar numa indústria de celulose que não tenha sido plantada. Trata-se de certa forma de uma atividade ecológica, pois as áreas de plantio de eucalipto foram em geral desmatadas anteriormente e têm o solo degradado pelo uso agrícola. Produzir celulose como fazem alguns países asiáticos daria cadeia no Brasil. Mais que uma atividade agrícola, a cultura do eucalipto no país é uma atividade de recomposição ambiental. Acreditam alguns que o eucalipto traz o inconveniente de ressecar o solo, mas isso está ainda por ser demonstrado.

■ *Em que termos se expressa essa vantagem brasileira?*

— O setor de papel e celulose, que se amplia agora com as primeiras incursões na indústria de mobiliário, graças ao domínio que temos sobre o eucalipto, é um dos mais importantes do agronegócio. O Brasil é o primeiro no mundo na produção de celulose de eucalipto, o sétimo na produção de celulose e o 11º na de papel. Tem uma participação de 1% no PIB, emprega diretamente 100 mil pessoas e recolheu US$700 milhões em impostos em 1998. Nesse ano faturou US$6,8 bilhões e exportou US$2 bilhões. No período de 1989 a 1998 cresceu à média anual de 3,5% no papel e 4,8% na celulose. São 220 empresas, que operam 255 unidades industriais em 16 estados.

■ *A recessão atual atingiu as vendas do setor?*

— Apesar da queda identificada na produção industrial brasileira em 1999, o setor de celulose e papel alcançou resultados satisfatórios nos primeiros 10 meses do ano. De janeiro a setembro, a produção de papel alcançou 5,1 milhões de toneladas, um incremento de 3,7% em relação a esse período de 1998. As vendas externas cresceram 7,6%, totalizando 963 mil toneladas. Quanto à celulose, foram produzidas 5,2 milhões de toneladas, um crescimento de 4,7%, com destaque para as exportações, que cresceram 21,7%.

■ *Há planos de expansão?*

— Sim. Não há empresa do setor que não esteja acalentando algum plano de expansão. Com a retomada do crescimento, seriam necessários US$10 bilhões em investimentos para o setor poder manter a oferta equilibrada com a demanda. O grande problema é o capital, mais precisamente a engenharia financeira. Limitar o problema aos juros é simplificar. A indústria é altamente intensiva em capital. A escala mínima competitiva vem crescendo rapidamente. Vinte anos atrás, uma planta industrial de 200 mil toneladas anuais era considerada grande. Há 10 anos a escala saltou para 400/500 mil toneladas. Hoje ninguém pensaria em fazer uma fábrica para produzir menos de 700 mil toneladas, o que demanda investimento de US$1,5 bilhão ou US$2 mil por tonelada/ano. O investimento é imperativo: o BNDES calcula que, para se evitar a importação de celulose em futuro próximo, o setor precisaria investir US$5,5 bilhões.

■ *Como entra aí o BNDES?*

— O setor de papel e celulose é o que é em grande parte porque o BNDES foi sempre um grande financiador. Mas o momento é outro. Houve época em que a política industrial era centralizada, com alocação de recursos oficiais, incentivos fiscais e até metas quantitativas. Hoje vivemos uma outra realidade. Na década de 80 e parte da de 90, o BNDES direcionou a maior parte dos recursos para esse setor. O banco continua disposto a financiar, mas dá fortes sinais de que não está disposto a assumir o financiamento de toda a estrutura de capital. Nesse caso seria necessário contar com uma engenharia financeira mais complexa. É disso que se ocupa o setor neste momento. Um projeto de US$1 bilhão precisa de parte de recursos próprios e o resto é problema de alavancagem de recursos de terceiros. Dinheiro bom, do BNDES, está custando relativamente caro, cerca de 16%, em relação ao que pagam nossos concorrentes em outras partes do mundo, cerca de 3% a 5%. Como saída estamos assistindo a uma movimentação intensa por parte de algumas empresas no mercado de ações, com lançamentos de ADR em Nova York.

■ *A pesquisa dos transgênicos já chegou ao setor?*

— Que eu saiba, não. Fazemos melhoramento genético na linha tradicional. Essa é uma questão bem lembrada, sobre a qual não havia pensado, que levarei para a agenda da Associação Brasileira de Celulose e Papel. Talvez esse tipo de pesquisa deva ser conduzido em âmbito setorial e não por empresa, como foi o caso do melhoramento genético.

■ *O setor já foi criticado por poluir o ambiente. A crítica se justifica atualmente?*

— Não. Historicamente temos vencido esses problemas. Hoje a indústria brasileira de papel e celulose é comparável às mais avançadas do mundo em termos ambientais, porque as instalações são novas. Tradicionalmente havia dois tipos de problema: poluição atmosférica (mau cheiro) e poluição da água. O problema do mau cheiro está praticamente eliminado. Quanto à água, de que a indústria é grande consumidora, ainda predomina o sistema de entrada e saída. Mas caminha-se em direção ao sistema de circuito fechado com reciclagem da água. Enquanto isso, temos sob controle a qualidade da água servida quanto a turbidez, DBO etc. Outro problema seria o uso do cloro. Mas as indústrias brasileiras já são, como se diz no jargão, *elementary clorhine free*, ou seja, usam apenas compostos de cloro livres de dioxina.